

CONSTRUINDO O ESPAÇO ANALÍTICO

BUILDING THE ANALYTIC SPACE

*de Cristina Gudolle Herbstrith*¹

RESUMO: Este trabalho se propõe a revisar brevemente o que perpassa os primeiros encontros entre analisando e analista. Para a Psicanálise, estes são momentos importantes para o início de uma análise, visto que são neles que analista e analisando se conhecem e se encontram, na tentativa de iniciar um trabalho analítico. Um aspecto valioso é identificar se o analisando tem demanda para análise, como também avaliar se ele, o analista, tem condições de aceitar o sujeito como seu analisando. É primordial que o método de trabalho defina a direção de proposta de cura.

Palavras-chave: Encontros; Analisando/analista; Análise.

ABSTRACT: This paper is to review briefly running through the first encounters between analyzing and analyst. For psychoanalysis these meetings are important for the initiation of an analysis times since, are them that analyst and analyzing are known and are attempting to start an analytical work. A valuable aspect is to identify whether the analyzing has demand for analysis, but also evaluate whether he, the analyst is able to accept the subject as his analyzing. At the moment of the first meeting is vital that the working method set the direction proposed cure.

Keywords: Meetings; Analyzing/analyst; Analysis.

¹ Psicóloga e Psicanalista. Membro da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Rua Abram Goldsztein, 446/1203A. CEP: 91450-155. Jardim Carvalho. Porto Alegre. 51-99044434. cristinaherbstrith@gmail.com

Introdução

O momento no qual o sujeito escolhe ir ao analista é complexo. Os motivos de queixa são diversos, mas em todos os casos há algo em comum: os sujeitos encontram-se em sofrimento. O que se passa nos primeiros contatos entre potencial analisando e analista? Quais regras e aspectos a que o analista deve estar atento para aceitar um analisando? Em que momento podemos falar que o sujeito está em análise?

A partir destes questionamentos, foi realizado este estudo, que visa entender o processo e os entrelaçamentos possíveis dos primeiros encontros entre analisando e analista, até o início de uma análise.

A Chegada ao Analista

Freud (1913), em *Sobre o Início do Tratamento*, escreve que o sofrimento do analisando e o desejo de cura são a força motivadora da análise. Aulagnier (1989) acrescenta que “toda demanda de análise, salvo erro de destinatário, está apoiada por uma motivação a serviço de um desejo de vida, ou de um desejo de desejo; é ela que leva um sujeito ao analista” (p.188). Com isso, podemos pensar que, quando uma pessoa procura o analista, significa que ela está em sofrimento, que há uma queixa e um desejo de ser ajudada a resolver seus conflitos.

A queixa é a forma com que o sujeito consegue trazer seu conteúdo manifesto. É o que ele conseguiu pensar e sabe dizer, pois é o que está consciente. Conforme Bleichmar (2001), atrás do motivo de consulta “manifesto”, há outro “latente”: trata-se de sair da patologia “aparente”, para passar a buscar a determinação inconsciente que levou à consulta. Sendo assim, é através do conteúdo manifesto que chegamos ao conteúdo latente. Para isso, precisamos ampliar a queixa, motivo de consulta. Dócolas (2010) comenta que “quando o paciente fala de uma realidade concreta, fala também de uma realidade que tem a ver com desejos inconscientes e é para decifrar essa outra realidade que ele nos procura” (p. 09).

O sujeito chega ao analista, pois sozinho não conseguiu resolver seu sofrimento. Há uma ruptura narcísica, uma quebra da autoestima, uma angústia que o invade. Francischelli (2007) fala que, no instante que o sujeito procura o analista, por mais que a pulsão de morte esteja operando na ruptura narcísica, o que o leva é a pulsão de vida, e o desejo de estar melhor com a vida.

Os Contatos Iniciais

Nesta etapa do trabalho, analista e possível analisando estão se conhecendo, e, juntos, construindo a demanda de tratamento. Para que haja esta construção, o analisando precisa acreditar e confiar que o analista pode ajudá-lo, ou seja, o analista precisa ser visto, de acordo com Lacan, como “Sujeito Suposto Saber”. Hornstein (1989) salienta que “é preciso que o ‘saber’ não obstaculize a escuta do paciente” (p.38). Sendo assim, o analista não deve se preocupar com seu conhecimento, tentando encaixar o paciente no seu saber.

Os primeiros encontros correspondem ao período em que o analista conhecerá o analisando. Freud (1913) escreve algumas recomendações para o início de um tratamento analítico. Ele relata que tinha como hábito aceitar provisoriamente o sujeito, por um período, para realizar uma sondagem, com o objetivo de conhecê-lo e avaliar se o mesmo tinha indicação para a Psicanálise. O analista precisa conhecer o possível analisando, não só para avaliar se é recomendado o método, como também para avaliar se ele tem interesse, capacidade e disponibilidade para investir neste sujeito. De acordo com Aulagnier (1989), é indicado, neste momento, que o analista formule um “auto-diagnóstico”, com o propósito de analisar suas possibilidades de investimento e preservação da relação transferencial com o analisando.

Para o analista conhecer o sujeito e poder realizar estas avaliações iniciais, ele o deixa falar. O paciente é livre para começar sua fala pelo ponto que desejar. Freud (1913) convida o analisando a falar, e diz que ele não deve ceder a críticas; deve falar tudo o que lhe passa pela mente. Assim, ele introduz a regra básica da análise: a associação livre, pelo lado do analisando, e a atenção fluante, pelo lado do analista.

Em *Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicandlise* (1912), Freud afirma que a técnica é simples, já que o analista deve apenas “manter a mesma ‘atenção uniformemente suspensa’ em face de tudo o que se escuta” (p. 125). Acrescenta, ainda, que o analista deve escutar e não se preocupar se está se lembrando de alguma coisa. Estar em atenção fluante significa que a história está sendo construída e escrita (HORNSTEIN, 2013).

Para Silva (2008), o analista, através de sua atenção fluante, exerce sua escuta e pode ampliar o que o analisando traz, auxiliando-o “a pensar analiticamente para que possa ir percebendo a existência de conteúdos que desconhece por trás daqueles que revela, no intuito de que reconheça posteriormente a existência do inconsciente” (p. 276). Hornstein (1989) acrescenta que o psicanalista tem uma tripla determinação: “sua relação com sua própria realidade psíquica, sua relação com o que escuta do paciente, que este lhe desperta como sentimentos, afetos, pensamentos, ideias e sua relação com a teoria, que deveria ser, no melhor dos casos, uma teorização fluante” (p.38). Isto ocorre à medida que o analista se apropria do seu lugar.

Freud (1913) refere que alguns analisandos preparam seu discurso previamente, para terem melhor uso do seu tempo na sessão, disfarçando, dessa forma, a resistência presente, e que “providenciará que o material mais valioso escape à comunicação” (p.151). “Enquanto as comunicações e ideias do paciente fluírem sem qualquer obstrução, o tema da transferência não deve ser aflorado” (p.154). Deve-se esperar que a transferência se torne resistência — tranque — para falarmos nela.

Quando a transferência está estabelecida, o caminho para a interpretação está aberto. Freud (1913) comenta que uma comunicação prematura pode colocar um fim intempestivo ao trabalho analítico. Complementa dizendo que “tem-se que ter cuidado em não fornecer ao paciente a solução de um sintoma ou a tradução de um desejo até que ele esteja tão próximo delas que só tenha de dar mais um passo para conseguir a explicação por si próprio” (p. 155). O analista deve acompanhar o analisando, e, conforme Hornstein (2013), deve ser como esses restaurantes com a cozinha à vista, para mostrar ao sujeito, ao longo da caminhada, como fazer o processo e chegar à conclusão.

O Espaço de Análise

No início do trabalho, são realizadas algumas combinações importantes para a realização da análise. O objetivo é possibilitar, desta forma, que a transferência se instaure e a resistência possa aparecer para ser trabalhada. Aulagnier (1989) se refere à existência de um enquadramento para a possibilidade de análise. Conforme a autora, esse propicia a construção e a delimitação de “um espaço relacional que permita colocar a serviço do projeto analítico a relação transferencial”. Acrescenta ainda que o enquadramento serve como “garantia da distância que separa realidade psíquica de realidade” (p. 192).

Dentre as combinações iniciais, Freud se refere ao tempo e ao dinheiro. Ele (1913) conta que “a cada paciente é atribuída uma hora específica de trabalho disponível; pertence a ele que é responsável por ela, mesmo que não faça uso da mesma” (p.142). Para algumas pessoas, esta combinação é aceita naturalmente; já para outras, é vista como muito rigorosa. Porém, Freud comenta que não existe outra forma de atuar, pois o trabalho analítico é longo, e muitas situações podem

impedir o analisando de comparecer no seu horário. Se esta combinação não for seguida, se torna complicado de trabalhar a resistência do paciente ao tratamento.

Referente aos honorários do analista, Freud (1913) ressalta que o dinheiro, além de ser um meio de autopreservação e obtenção de poder, tem “poderosos fatores sexuais envolvidos no valor que lhe é atribuído”. Devido a isto, é importante que o analista fale deste tema naturalmente. Assim, “demonstra-lhes que ele próprio rejeitou uma falsa vergonha sobre esses assuntos, ao dizer-lhes voluntariamente o preço em que avalia seu tempo” (Freud, 1913, p.146).

Freud (1913) aconselha o uso do divã na análise. O objetivo é liberar o analista de ser encarado durante todo o dia pelas pessoas, e facilitar que sua escuta acompanhe o pensamento do analisando e seus pensamentos inconscientes. Além disso, a expressão facial do analista pode interferir no que o analisando relata. Para o analisando, a posição no divã inicialmente é um pouco incômoda, pois o deitar-se causa inibição motora e também visual, no sentido de deixar de enxergar o analista. No entanto, assim o inconsciente tem mais possibilidade de aparecer. Outros propósitos do uso do divã são “impedir que a transferência se misture imperceptivelmente às associações do paciente, isolar a transferência e permitir-lhe que apareça, no devido tempo, nitidamente definida como resistência” (p.149).

Nasio (1995) acrescenta que, na vivência analítica, não se vê, mas se olha. “A cegueira parcial dos olhos, provocada pela posição estendida no divã, contrasta com a luminosidade psíquica de um olhar inconsciente, irradiante, e esse olhar inconsciente está no núcleo de muitas das manifestações clínicas que conhecemos, como, por exemplo, as fantasias, a lembrança encobridora, o já-visto, a cegueira histórica, os atos perversos ou a alucinação” (p.15).

Existe um tempo entre as primeiras sessões até o início da análise, de construção e formação de vínculo, e de criação de setting. Silva (2008) adiciona que isso ocorre “de forma que pulsional e sexual possam circular além das queixas e, assim, inaugurar a demanda transferencial (sentir/viver no campo analítico), para que possamos trabalhar as resistências que inevitavelmente se apresentam ao longo do tratamento” (p.43).

De acordo com Vainstoc (2010), o paciente passa à posição de analisando quando se produz o primeiro giro significativo de implicação no sofrimento. Esta passagem se constitui pelo aparecimento de produções do inconsciente: sintomas, sonhos, lapsos e atos falhos, que podemos entender como movimentos do sujeito para entrar em análise. Quando o analisando começa a se indagar, escutando aquilo que fala, podendo transformar em palavras seus pensamentos, sentimentos e seu mundo interior, o trabalho analítico iniciou.

Considerações Finais

Os encontros iniciais são momentos de extrema importância para o andamento do trabalho. É indicado que esses encontros não se prolonguem por muito tempo, já que é um período de avaliação, e é preciso definir se a dupla iniciará o trabalho analítico.

O psicanalista precisa avaliar se tem condições de aceitar o analisando, visto que seus defeitos ou pontos cegos podem interferir na escuta e no desenvolvimento do trabalho. Do mesmo modo, ele não pode se fixar na tentativa de “encaixar” o analisando na sua teoria, pois, dessa forma, sua escuta será dificultada, e ele não estará com a atenção flutuante, que é uma das regras básicas da análise.

A escuta do analista é aprimorada a cada momento. À medida que a teoria é incorporada, o analista possui maior capacidade e liberdade para escutar seu analisando e auxiliá-lo a se pensar. Esta forma complexa de pensar é conquistada com muito esforço, estudo e análise. O analista precisa ser curioso, criativo e teorizar sobre as práticas atuais, para atuar. A teoria é fundamental, mas é o ponto

de partida para a escuta.

O analista também deve ter clara a outra regra básica da análise: a associação livre, e respeitá-la. É importante não atropelar o analisando. Uma interpretação precipitada poderá interromper o trabalho. Por isso, nos primeiros encontros é o momento de historicizar e de apontar as repetições, deixando as interpretações para quando analisando e analista já tiverem um vínculo afetivo construído, ou seja, para quando a transferência já estiver estabelecida entre a dupla.

Para que a transferência se estabeleça, é preciso que seja criado um setting, um espaço delimitado, com combinações e regras. Será a partir deste enquadramento que a resistência poderá aparecer e ser trabalhada. O deixar falar livremente, escutar a história e o motivo de consulta do analisando são fundamentais para que os primeiros encontros ocorram de forma respeitosa. A partir desta escuta, a demanda manifesta poderá ser ampliada e chegar ao conteúdo latente, possibilitando a construção da demanda para o tratamento analítico.

Estes atendimentos iniciais geralmente são realizados frente a frente, analista e analisando. O uso do divã será indicado se o analisando tiver indicação e frequência para a análise. Primeiro, o analista precisa conhecê-lo e fazer esta avaliação. O analista deve escutar o analisando e percorrer a trajetória e as construções necessárias para sair dos primeiros encontros e iniciar um atendimento analítico.

Todas essas regras fazem parte da técnica e do método psicanalítico, e são a base para qualquer trabalho analítico. É a partir desta base estruturada que psicanalistas se tornam psicanalistas. Contudo, não podemos desconsiderar alguns aspectos da atualidade para o atendimento dos sujeitos. Na cultura gaúcha, era regra que as férias ocorriam em fevereiro. Hoje isto mudou. O que fazer quando as férias do analisando e do analista não coincidem? Muitos analisandos têm demandas profissionais de viagens, o que acarreta que se ausentem em algumas sessões pré-determinadas, por exemplo. O que fazer nestes casos? Todas as ausências são interpretadas como resistência ao trabalho analítico? Acreditamos que, se pensarmos desta forma, alguns sujeitos perderão a oportunidade de se analisar. Por isso, o psicanalista precisa ter liberdade para adaptar-se à singularidade de cada sujeito. Afinal, como o pai da Psicanálise já ensinou, é através da prática que a pesquisa e as teorias foram criadas; elas devem estar nesta trama a favor do trabalho analítico, como conteúdo de sessão, e não como um obstáculo que impeça que análises aconteçam.

As intervenções analíticas permitirão ao analisando apropriar-se de fragmentos de sua história e reconstruir seu sentido, podendo colocá-lo a serviço de seu projeto atual de vida. O psicanalista acompanhará o analisando até o momento que ele possa se apropriar deste processo e se autoanalisar. Para que isso aconteça, é preciso que os encontros entre a dupla — história do analisando e história do analista — passem dos primeiros, e que uma terceira história seja construída, através de uma parceria numa viagem pelo mundo que a Psicanálise descortina, no desejo de que seja sempre uma aposta na felicidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aulagnier, P. (1989). *As Primeiras Entrevistas e os Movimentos de Abertura*. Em P. Aulagnier, *O Aprendiz de historiador e o mestre-feiticeiro: do discurso identifiante a discurso delirante*. São Paulo: Escuta.
- Bleichmar, S. (2001). *Del Motivo de Consulta a La Razón de Análisis*. Em *Revista Actualidad Psicológica*. Año XXVI. N. 287. Buenos Aires: Junio, 2001.
- Dócolas, J. (2010). *Os Primeiros Encontros na Análise e o Início de uma Nova História*. Acessado em 26 de novembro de 2010, no WEB site da Sigmund Freud Associação Psicanalítica: (http://www.sig.org.br/artigos_interna.php?id=71).
- Francischelli, L. (2007). *Amanhã, Psicanálise! O trabalho de colocar o tratamento no paciente*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Freud, S. (1996). *Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise*. (1912). Em J. Salomão (Org.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (vol. XII). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1996). *Sobre o Início do Tratamento*. (1913). Em J. Salomão (Org.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (vol. XII). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1996). *Análise Terminável e Interminável*. (1937). Em J. Salomão (Org.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago.
- Hornstein, L. (1989). *A Entrevista Psicanalítica – Aula 2. Em Introdução à Psicanálise*. São Paulo: Escuta.
- Hornstein, L. (2013). *Las Encrucijadas Actuales del Psicoanálisis: Subjetividad y Vida Cotidiana*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Nasio, Juan-David (1995). *O Olhar da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Silva, P. V. (2008). *O Início do Tratamento: da queixa à demanda – uma construção*. Em Braga, Eneida Cardoso; Lara, Luciana Maccari (Org.). *Escuta analítica: Inícios de uma prática*. Porto Alegre: SIG.
- Vainstoc, R. M. G. (2010). *Comienzos de Análisis e Inflexiones Del Sujeto y la Transferencia*. Disponível em (fepal.org/nuevo/images/stories/goldstein.pdf). Acessado em 22 de outubro de 2010 às 17 horas.